



Educação Unisinos

E-ISSN: 2177-6210

revistaeduc@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Virgínio Costa, Júlio César

A literatura africana como pedagogia libertadora na prática do ensino de História

Educação Unisinos, vol. 17, núm. 2, mayo-agosto, 2013, pp. 137-144

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449644346007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A literatura africana como pedagogia libertadora na prática do ensino de História

African literature as a liberating pedagogy in the practice of teaching History

Júlio César Virgínio Costa
juliocesarhistoria@gmail.com

Resumo: Este artigo busca analisar as potencialidades do estudo da História na Educação Básica, via literatura, em especial a de matriz africana de língua portuguesa, por meio de poemas de Jofre Rocha sobre lutas de libertação de Angola, que possam efetivar possibilidades de leituras e reflexões sobre a África e o Brasil, na implementação da Lei 10.639/2003. Para concretizar essa proposição, utilizam-se como aportes teóricos as concepções de História Cultural e de Literatura Empenhada – que, segundo Antônio Cândido, é uma abordagem da literatura que parte de posições éticas e políticas – e, também o referencial freireano de leitura de mundo e de pedagogia libertadora. O método adotado foi o da análise comparativa dos poemas, buscando interconectar os elementos que formulam a narrativa poética com as lutas de libertação de Angola. Argumenta-se que esses elementos também podem ser pontos de despertar de uma curiosidade – que não é ingênua – sobre o continente africano e nossa ligação com o mesmo. O texto finaliza com a discussão sobre o quanto é possível identificar e vislumbrar que a literatura descortina uma gama de alternativas, juntamente com a História, para outra leitura do mundo e como a literatura poética de resistência poderá proporcionar também o trabalho com outros documentos, como, por exemplo, os ditos oficiais.

Palavras-chave: história, ensino de história, literatura africana, literatura empenhada.

Abstract: This article seeks to analyze the potential of the study of History in Elementary Education via literature, particularly of African origin, through poems by Jofre Rocha on liberation struggles in Angola, which may contain possibilities of readings and reflections on Africa and Brazil in the implementation of Law 10.639/2003. For that purpose, we use as theoretical framework the concepts of Cultural History and Committed Literature – which, according to Antônio Cândido, is an approach to literature that starts from ethical and political positions – and also Paulo Freire's reading of the world and liberating pedagogy. The study method consists of a comparative analysis of poems, seeking to connect elements that formulate the poetic narrative with the liberation struggles in Angola. These elements may also awaken a curiosity – which is not naive – about the African continent and our connection with it. The paper concludes by discussing how it is possible to realize that literature, along with history, reveals a range of alternatives for another reading of the world and how poetry of resistance will make it possible to work with other documents such as official declarations.

Key words: history, teaching of history, African literature, committed literature.

Introdução

Este trabalho pretende trazer algumas reflexões sobre o ensino de História, via literatura, mais especificadamente, a literatura de raiz/matriz africana¹ de língua portuguesa. Estas reflexões buscam analisar como poderia ocorrer a prática da Lei 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de Educação Básica.

Em a *Importância do ato de ler*, Paulo Freire (2009) nos auxilia a pensar sobre essa temática, apesar de não estar diretamente dialogando com o tema e estar inserido em outro momento. Porém, acreditamos que conceitos, reflexões e estruturas reflexivas possam ser utilizados em outros contextos, desde que empregados com cuidado, evitando anacronismos. Desta forma, dialogando com esse autor, utilizaremos também a concepção e/ou o referencial teórico da História Cultural em Pesavento (2008) e, também, estaremos nos orientando pelas leituras de Cândido (2004) e Freire (2005).

O ensino de História e a literatura: diálogos e possibilidades

Paulo Freire (2005 p. 34) nos instiga a pensar que “o grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram ‘hospedeiros’ do opressor poderão

contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora”.

Nos últimos anos, vários livros com conteúdos históricos mesclam-se com a literatura ou vice-versa. O ensino de História abriu-se a novas metodologias/linguagens de trabalho nas últimas décadas, como os filmes, os documentários, a música e a literatura, o que Bittencourt (2006) denomina de “linguagens e ensino”, neste caso, o de História e, mais especificadamente, da História Cultural². Temos, como exemplo, os livros de Mitologia Grega, sobre a África, as Grandes Navegações e as Guerras Mundiais, dentre outros, que fazem a abordagem histórica via literatura.

Consideramos que a literatura pode ser instrumento pedagógico não somente de fruição, mas de partejamento, como nos esclarece Freire (2005), que resulte em promoção de uma pedagogia libertadora. Não raro, os modismos levam a produções meramente mercadológicas; portanto, o olhar atento e a leitura criteriosa se fazem necessários. Mas é inegável que o trabalho do ensino de História está, atualmente, envolto em uma gama de possibilidades, dentre elas, a utilização da literatura, em especial nessa reflexão, da literatura de matriz africana de língua portuguesa, principalmente a partir a promulgação da Lei 10.639/03.

Freire (2009, p. 9) nos esclarece sobre o ato de ler e sua importância, que, “em sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para o qual funciona, é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o

ângulo da luta política a que a compreensão científica do problema traz sua colaboração”. Mesmo pensando no Brasil, é possível articular essas reflexões à África, e em especial Angola. Após a independência, o país entrou em uma guerra civil de aproximadamente 30 anos, deixando marcas profundas na sociedade que, hoje, tenta se reconstruir. Segundo essa concepção freireana (Freire, 2009, p. 11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”; assim, a leitura do cotidiano, do convívio social e das alteridades que formam as sociedades poderia descortinar outras possibilidades de educação. Portanto, ao propormos o fortalecimento entre a literatura e a História, estamos nos orientando por essa concepção – freiriana – de leitura, que, por sua vez, se baseia na concepção de leitura do mundo.

Segundo Gonzalez (2010), a literatura enriquece o imaginário, desperta emoções, amplia a sensibilidade e amadurece o raciocínio. Não obstante, pode ser expressão de uma determinada identidade cultural, expressões de luta e de manifestações culturais reprimidas ou não mais reprimidas. Além disso, pode ser instrumento de reflexões profundas, postura essa que, segundo Freire (2005, p. 8), “é necessária para a efetivação de uma atitude libertária”. Também Cândido (2004) parte do pressuposto de que a literatura é um instrumento poderoso de instrução e educação que explicita as produções literárias de todos os tipos e níveis, que também podem satisfazer as necessidades básicas do ser humano, principalmente pelo enriquecimento da percepção e da visão de mundo.

¹ A expressão “literaturas de matrizes africanas” é uma apropriação dos textos da professora Dra Iris Maria da Costa Amâncio, professora da Universidade Federal Fluminense, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas no Campus do Gragoatá, Bloco C. A professora é mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas (1996) e doutora em Estudos Literários/Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Expressão que, segundo a autora, pressupõe adentrar não só o universo da tradição oral, mas também o da *littera* africana. Sendo assim, adotado neste trabalho já que utilizamos textos de um poeta angolano e que escreve de Angola falando de Angola a partir da própria luta pela independência deste país contra a dominação portuguesa no contexto do movimento MPLA.

² Para maior esclarecimento desta corrente da historiografia, ver Pesavento (2008).

Em seu texto *O direito à literatura*, Antônio Cândido (2004) tece uma análise da sociedade brasileira, suas desigualdades e a importância do acesso das camadas menos favorecidas à literatura. O próprio Cândido (2004, p. 174), para efeito desse estudo, nos esclarece que considera como literatura “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Isso remete a Freire (2005, p. 81), mais uma vez, quando “a reflexão que se propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa”.

Assim, ao utilizarmos em sala de aula a literatura de matriz africana de língua portuguesa, poderemos oportunizar reflexões para se pensar a África/Angola e suas relações com nosso país, ontem e hoje, sendo, desta feita, uma das abordagens possíveis para a efetivação da Lei 10.639/2003, na busca pela efetivação de uma conexão entre a cultura afro-brasileira.

Buscando analisar e esclarecer a questão que se abre – de uma grande corrente de abordagem da História Cultural que adota o uso da literatura –, Pesavento (2008, p. 82) nos esclarece que a História “coloca as questões, enquanto a Literatura opera como fonte”. A literatura, para essa autora, ocupa, no caso, a função de traço que se transforma em fonte e que poderá responder às questões formuladas pelo

historiador³. E esclarece também que, se “a História Cultural está em busca do resgate das representações passadas, se almeja atingir aquele reduto de sensibilidade e de investimento primário na significação do mundo, a Literatura é uma fonte realmente especial: ela pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão” (Pesavento, 2008, p. 82). Porém, também acreditamos que o contrário possa ocorrer. A literatura, por exemplo, a denominada literatura empenhada⁴, pode nos elencar fontes, fatos, críticas, costumes de época e questões pertinentes a uma investigação/pesquisa histórica e, por que não, de outras áreas, sendo, assim, um processo de mão dupla. Como por exemplo, um grande livro da literatura francesa, *Os miseráveis*, de Victor Hugo, ou os poemas de Castro de Alves, sempre analisados no contexto de produção da obra, dentre tantos outros exemplos que a literatura pode nos oferecer como fontes de estudos e, no caso dessa reflexão, as obras de literatura de matriz africana de língua portuguesa.

Afirmamos o valor da literatura de matriz africana em seu potencial pedagógico, que, conforme Amâncio (2008b, p. 84), “poderá contribuir para maior consciência da identidade brasileira e/ou afro-brasileira”. Também é nossa intenção identificar e indicar as inúmeras possibilidades que se apresentam a partir de um texto literário na formação do pensamento e as reflexões possíveis sobre esses textos literários em outros momentos e outros contextos; suas relações com o mundo e com os homens, que não são abstratos. Assim, segundo Cândido (2004), a função da literatura está ligada à com-

plexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador, porque é contraditório) da literatura.

Literatura africana: algumas considerações

Acreditamos que a travessia da “Calunga Grande” não possa ser vista apenas em um sentido, pois a historiografia atual já identifica a existência de uma “mão dupla” que foi, e é, a questão das trocas culturais no transcurso do Oceano Atlântico, a partir do século XVI⁵. Esse processo, que ainda sofre com os preconceitos estabelecidos desde tempos antigos, pode ser combatido via literatura também. Relatos bíblicos, a confecção de determinados mapas e outros trabalhos com diversas fontes foram utilizados como veículos para construções negativas sobre o continente africano e suas populações. O simbólico negativo, segundo Serrano e Waldman (2007, p. 27), nos indica que “historicamente, o regime de estereótipos imposto à África foi reforçado pela distância e o relativo isolamento do continente para com o mundo europeu. A África, e em particular a África Negra ou Subsaariana, constituía um domínio sobre o qual as informações eram fragmentárias e distorcidas, ocultando-se, para completar, por trás de um deserto considerado impenetrável, o Saara”.

Dentro desse raciocínio, em *Eurocentrismo, História e história da África*, Barbosa (2008) discute a questão do eurocentrismo, sua influência negativa para a História desse continente, a mudança de perspectiva da pesquisa na historiografia a partir da Escola dos *Annales*⁶ e sobre

³ A autora esclarece que não se trata de estabelecer nenhum tipo de hierarquia entre História e Literatura, mas sim de precisar o lugar de onde se faz a pergunta.

⁴ Literatura empenhada, segundo Antônio Cândido (2004, p. 180), é uma abordagem da literatura que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas.

⁵ Para este fim, ver Reis (2006).

⁶ É um movimento historiográfico, que se constituiu em torno do periódico *Annales d'histoire économique et sociale* fundado no início do século XX, na França, por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929. A escola dos *Annales* renovou e ampliou o quadro das pesquisas históricas ao abrir o campo da História para o estudo de atividades humanas até então pouco investigadas, rompendo com a compartimentação das Ciências Sociais.

a História do continente africano. Considerado uma ideologia, um paradigma que, nesse caso, serviu para a dominação de outros povos e a construção da pretensa ideia da superioridade europeia, o texto avança em discussão mais filosófica sobre a questão e, posteriormente, adentra as questões relativas à própria História da África. Dessa forma, Barbosa (2008, p. 47) nos alerta que “o eurocentrismo é pensado como ideologia e um paradigma, cujo cerne é formado por uma estrutura mental de caráter provinciano fundada na crença da superioridade do modo de vida e do desenvolvimento europeu-ocidental”.

Destarte, pensar em produções intelectuais africanas e em culturas africanas sempre foi ofuscado pelos estereótipos criados a partir do pensamento eurocêntrico. Porém, como já exposto, uma das formas de abordagem dessa História pode ser via diálogos literários, em especial, os de matrizes africanas de língua portuguesa, como salienta Amâncio (2008a).

Ainda segundo Amâncio (2008a), essas literaturas de matrizes africanas emergem em um cenário político e em um contexto permeado pelas lutas e estratégias desenvolvidas pelos autores nas ações empreendidas contra a dominação colonial imposta à África⁷. Dentro desse contexto e dessa proposição, Pesavento (2008, p. 113) nos auxilia e esclarece que, “neste cruzamento que se estabelece entre a História e a Literatura, o historiador se vale do texto literário não mais como ilustração do contexto em estudo, como um dado a mais, para compor uma paisagem dada. O texto literário lhe vale como porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar

elementos do passado que outros documentos não proporcionam”.

Assim, no ensino de História, as questões ligadas ao tempo, ou às formas de se perceber as diversas temporalidades, poderão ser trazidas à sala de aula da Educação Básica, em especial, pelo professor. As sensibilidades de outros momentos/tempos históricos, via diálogo literário, poderão ser inseridas no espaço escolar por meio da riqueza desses textos, dos poemas, das lendas e dos mitos e, através de uma nova estética, de novas sensibilidades para com o mundo e o ser humano no mundo, nunca nos esquecendo dos anacronismos. Os textos literários, ricos em metáforas, por exemplo, podem ser perfeitos instrumentos dessa abordagem pedagógica no ensino – de um modo geral – e, especificamente aqui analisado – no ensino de História.

Sobre a literatura de matriz africana, Ferreira (1987) nos esclarece um pouco mais. Segundo o autor, essa literatura pode ser dividida em duas vertentes:

- (i) Literatura colonial, que se reveste de um universo essencialmente europeu; em que o homem branco é elevado à categoria de herói mítico; dá ênfase ao exótico e não consegue apresentar e apreender o homem africano no seu contexto real e verdadeiro; e;
- (ii) Literaturas africanas de expressão portuguesa, o inverso das anteriores; em que o africano é privilegiado; em que se nega a legitimidade do colonialismo e faz da revelação e da valorização do universo africano sua raiz primordial.

Essa literatura, segundo Pesavento (2008), poderá proporcionar novos elementos, espaços e outras estéticas e, assim, poderá nos levar mais longe no deslocamento da veracidade à verossimilhança – pro-

babilidade –, pondo em discussão os efeitos de “real” e “verdade” que uma narrativa histórica pode produzir nas aulas de História. A literatura é testemunho de si mesma, importando, assim, para o historiador o tempo da escrita; é tomada a partir do autor e sua época, o que poderá fornecer pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, dessa forma, potencializando o valor literário e o trabalho no ensino de História via literatura. Acreditamos que a literatura poderá também fornecer outros/novos caminhos interpretativos, desenvolver novas sensibilidades nos leitores/alunos no ensino de História de nossas escolas de Educação Básica, buscando, assim, efetivar a implementação da Lei 10.639/2003 e proporcionar um ensino crítico e reflexivo. É a literatura, nesse caso, que poderá fornecer indícios para se pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela maneira. Assim, a utilização de textos literários em análises históricas no ensino de História poderá nos levar à discussão/compreensão/esclarecimento dos efeitos que, segundo Pesavento (2008, p. 84), poderá proporcionar uma compreensão do “real e de verdade que uma narrativa histórica pode produzir, tomando o lugar do que teria acontecido um dia”.

Essa possibilidade de conhecimento de novos espaços e de outras estéticas poderá nos levar à compreensão da alteridade, como, por exemplo, a Lei 10.639/03, que busca valorizar, mas também explicitar como essa produção pode nos induzir a uma compreensão maior e melhor da sociedade brasileira, via compreensão da História e cultura afro-brasileira.

É exatamente nesse ponto que o referencial freiriano ganha relevância no ensino de História.

⁷ Essas considerações também são atinentes a Jofre Rocha, poeta utilizado nesse estudo como fonte de análise.

Oportunizar a leitura desses textos e esclarecer suas possibilidades, seu valor literário e seu contexto de produção, além de explicitar como, por meio desses textos literários, se produzem novas visões de mundo, novas leituras do real histórico vivenciado pelos alunos. Indicar quem escreve, além de evidenciar, no contexto da leitura, quem lê, novas significações para a obra, efetivamente, poderá proporcionar uma abordagem da temática da cultura afro-brasileira, através do viés da literatura de matriz africana, como expressão portuguesa, conforme nos indicou Ferreira (1987), e também como mediadora de significações sempre renovadas a cada contexto de leitura.

Uma breve viagem pela literatura africana: Jofre Rocha

REVELAÇÃO⁸

*Dises que não importam as tragédias
que não importam Guernica
e Vietnam
não esqueças que tu e eu
somos apenas partícula do Universo
e que o coração em pranto da nossa
terra
bate também
pelos milhares
que em nome da civilização
as baionetas exterminaram. 1969.*

É diante desses exemplos que nos reportamos à História Cultural mais uma vez, como já salientado por Pesavento (2008), indicando que nesse ponto se estabelece o diálogo entre a literatura e a História, no caso da literatura de Jofre Rocha (1988), que é permeada pela inspiração da luta anticolonial e pelo resgate da

identidade africana e, consequentemente, dos africanos. Escritor, poeta e jornalista angolano, Jofre Rocha, pseudônimo literário de Roberto António Victor Francisco de Almeida, nasceu em fevereiro de 1941, em Kaxikana, município de Icolo e Bengo. Defensor convicto dos ideais nacionalistas e independentistas, empenha-se, juntamente com outros conterrâneos, na atividade política. Em 1974, Jofre Rocha parte para Lisboa, onde termina o 7.º ano do liceu. Contudo, abertas as portas do avião, em busca de aprofundamento da sua formação acadêmica, o autor se deparou também com a repressão e o obscurantismo, personificados na figura da PIDE, polícia fascista portuguesa, que o deteve na cadeia de Aljube, durante quatro meses. Após retorno a Angola, em 1963, Jofre é acusado de “atividades subversivas e atentado contra a segurança do Estado, é condenado a 18 meses de prisão efetiva e três anos de medidas de segurança. Em julho de 1968, o mesmo foi libertado definitivamente. Seis anos mais tarde, depois da proclamação da independência de Angola, foi nomeado para importantes cargos públicos e governamentais. Eleito deputado, presidiu a Assembleia Nacional. Com muitos outros escritores angolanos, ajudou a fundar a União de Escritores Angolanos (UEA), tendo sido presidente da sua Assembleia Geral, entre 1986 e 1997.

Também é preciso destacar que, no ensino de História, o trabalho com biografias de africanos poderá ser inspirador para a discussão do papel de agentes históricos de vários períodos, com relevância para suas ações, seu papel transformador e seu

protagonismo, muitas vezes considerado em abordagens historiográficas e mesmo na literatura. Nesse mesmo raciocínio, Amâncio (2008b, p. 67) também nos esclarece que a “literatura angolana é fortemente marcada pelas armas do combate às ideologias do sistema colonial português”. Essa literatura também aborda outros elementos, já identificados, como a luta anticolonial, a identidade e, para além dessas, Amâncio (2008b), ampliando essa lista, nos indica também:

- (a) a exuberância da natureza;
- (b) a África-mãe;
- (c) as expressões de etnicidade;
- (d) as tradições orais;
- (e) as lutas políticas engendradas pelo Movimento pela Libertação de Angola (MPLA).

Adentrar o universo literário de matriz africana, em especial de Jofre Rocha (1988), é descortinar um sentimento e um universo novos, conforme Gonzalez (2010) e Cândido (2004) já alertaram. *A revelação*, por exemplo, evoca a aproximação com o universo e com os sentimentos de quem sente de perto a luta pela liberdade⁹; a busca da liberdade; e a valorização da identidade, muitas vezes negada, subtraída pelo eurocentrismo, pelas visões impostas e equivocadas de inferioridade com relação aos africanos. Mas a literatura é arma e é pedagogia libertadora (Freire, 2005). A literatura trabalha com expressões que extrapolam a obra e tocam o universo vivido ou sentido. Em sala de aula, na Educação Básica, a leitura do poema *A revelação*¹⁰ pode ser mote para trânsitos temporais e simbólicos entre África e Brasil, entre os africanos e suas lutas e os

⁸ A grafia dos poemas foi transcrita conforme o original.

⁹ Luta empreendida pelo povo angolano contra a dominação portuguesa. Angola foi colônia de Portugal até o ano de 1975.

¹⁰ É claro que não é apenas na obra de Jofre Rocha que essas possibilidades poderão se descortinar. O que estamos sugerindo é que a Literatura aliada à História – e não exclusivamente à História – possa ser fonte de reflexões em nossas salas de aula e nas reflexões sobre a implementação da Lei 10.639/2003 na educação básica.

brasileiros, afro-brasileiros especialmente e suas lutas.

*E que o coração em pranto da nossa terra
bate também
pelos milhares que em nome da
civilização
as baionetas exterminaram.*

Quantos informes presentes, quantas reflexões são proporcionadas em uma aula de História e em tantas outras disciplinas afins. *O coração bate...* pode ser a força existente – lá como cá... – pois a leitura realiza diálogos e transfigurações, *os milhares de mortos*, as lutas e as conquistas do dominador, do colonizador e a violência que se torna explícita no trecho. Mas também há a resistência. São elementos que podem ser utilizados para o despertar da curiosidade dos alunos e dos leitores. Não uma curiosidade ingênua, mas o interesse pelo conhecimento de fatos, de ações históricas e do contexto de produção da obra. É conhecer a historicidade que está envolta nos fenômenos por nós vividos ou estudados. Onde aconteceu tal fato? Quem é esse autor? De onde fala? Por que fala? São as indagações diante de documentos e de fatos dos quais se toma conhecimento, como exercício, nas aulas de História, da imaginação histórica e da empatia. Assim, o ensino de História poderá ter outro significado e, obviamente, a aula e a atitude dos alunos perante o conhecimento. O conhecimento poderá ser produzido pelos participantes, a autoria nos trabalhos poderá deslocar o receptor para a condição de coautor de uma determinada aula, seminário ou uma apresentação ou, melhor dizendo, na produção de um determinado conhecimento. O que se prevê, nesse caso, é uma aula na qual as leituras poéticas são também leituras dos mundos, os mundos

de outras épocas e, em diálogo temporal e simbólico, leituras do tempo presente.

Os milhares que tomaram pelas baionetas... carregam um sentimento forte de luta, de irmandade, de identidade e de pertença a algo que envolve e envolveu muitas outras pessoas, irmãos e irmãs. As lutas que a História teima em não deixar calar, que os literatos denunciam e anunciam para o mundo. Mas estão sendo ouvidos? Temos nos despedido de nossa armadura ocidental e permitido a experiência da alteridade? Inclusive da alteridade em nosso país? O que sinaliza esta introdução de autores africanos de língua portuguesa nas aulas de História? Que novas sensibilidades históricas vem cultivar?

Prosseguindo nossa viagem pelas trilhas e tramas de Jofre Rocha (1988), nos deparamos em outro poema com suas inspirações. Fala da humanidade dos que dominam e dos que lutam para se libertarem da dominação. Do canto à liberdade e dos que morrem pelo sonho que sonhamos juntos.

HUMANIDADE

*há os que manejam palavras
e dormem tranquilos
há os que inventam deuses
e caem por terra
há os que sabotam gênios
e bradam vitória
há os que espreitam a paz e despertam na luta
há os que semeiam fome
e ganham conforto
há os fincam os pés na terra e morrem de pé
cantando à liberdade. 1981.*

Nesse outro poema, Rocha (1988) nos brinda com mais uma expressão literária envolta nos contornos da luta anticolonial e, por conseguinte, na afirmação da condição de sujeitos de sua História; desta maneira, dá visibilidade à construção de sua

identidade. Canta-se a liberdade, festeja-se a vitória, enfim, vale a pena a luta!

O poema traz a possibilidade do trabalho com a denúncia contra os embates pela e na História do continente africano e, por que não, no Brasil também; a clara denúncia dos que usam os meios mais atrozes possíveis para conseguirem seus vis objetivos; literatura como arma e, mais uma vez, como pedagogia libertadora, como forma e expressão de consciência; a força da palavra, como tantas vezes Paulo Freire (2005) defendeu em sua vida. Assim, a literatura adentra as aulas de História e a vida das pessoas... *há os que inventam deuses e caem por terra.*

As estratégias de dominação podem ser aqui utilizadas na aula de História como ponto de partida e também de chegada. Várias possibilidades se descortinam nesse instigante tema para uma discussão, e é possível a realização de um trabalho interdisciplinar com a Língua Portuguesa e as Artes também... *há os que espreitam a paz e despertam na luta.*

Nesse trecho, aflora a resistência que gera a movimentação, mas não uma movimentação qualquer, mas em busca da paz, da liberdade como direito de todos os povos e tantas vezes negada na História do continente africano e brasileiro também. Há diálogos entre África e Brasil num poema e nas leituras, também plurais, que dele podem ser feitas.

Considerações para caminhada futura

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Cândido, 2004); assim, também, a literatura de matriz africana de língua portuguesa

como mediadora pedagógica na implementação da Lei 10.639/2003 se apresenta envolta em inúmeras possibilidades. *Ler o mundo*, como salienta Freire (2009), despertar questões históricas, como nos esclarece a História Cultural, e, assim, estabelecer uma relação juntamente com História, poderá enriquecer o imaginário dos educandos, despertar emoções, ampliar a sensibilidade e amadurecer o raciocínio que, conforme Amâncio (2008a, p. 44), “poderá contribuir para maior consciência da identidade brasileira e/ou afro-brasileira”. Leituras poéticas podem favorecer a compreensão de contextos de luta que são também esclarecedores de outras realidades, por aproximação e por estudo das diferenças históricas que nos separam também da África.

Acreditamos em todos os que lutam pela mudança, mas com outras armas: com a educação, com o poder da argumentação e do sonho de um mundo melhor. Muitos lutaram com armas nas mãos para que, hoje, não deixássemos seus sonhos em vão. Observamos, atualmente, a literatura mais próxima da História e da História e cultura afro-brasileira como elemento de proposta pedagógica e, também, como posição assumida em outras trincheiras, que podem também vencer batalhas.

Esse trabalho é apenas uma primeira aproximação do rico campo do ensino de História e outras linguagens e metodologias, ou, como Bittencourt (2006) já nos indicou, *linguagens e ensino*. Também está longe de esgotar as análises que essa abordagem pode propiciar; no entanto, indica-nos alguns caminhos.

Falar de identidade é falar de onde se vem, da terra que se pisa, do ar que se respira, da cultura que se bebe. Assim, na obra de Jofre Rocha (1988) não faltam tais elementos. Poemas que retratam a África, seus

sofrimentos, suas lutas, sua cultura e sua arte. Nos exercícios de leitura, em movimentos imaginativos, evidentemente outras Áfricas, e também outros Brasis, neste diálogo, surgirão.

Consideramos que a pertinência de tais leituras, por si só, assegura suas possibilidades, mas acreditamos que o trabalho com a literatura e a História amplia os horizontes das paredes das salas de aula, amplifica a criatividade dos leitores e nos proporciona uma abordagem mais crítica diante do mundo, com seres humanos de fato e não abstratos. Acreditamos, assim, como Freire (2005) e outros que pensam na mudança das estruturas excludentes e discriminatórias de nossa sociedade.

Postulamos que nossa atenção deve ser dobrada nesse empreendimento, pois não se trata de uma inversão de papéis simplesmente. Deixar o eurocentrismo e em seu lugar inserir o afro-centrismo poderia simplesmente inverter o polo, mas não proporcionar nenhum avanço na compreensão do complexo contexto das sociedades e da História. Não se trata de nenhum tipo de revanchismo e, sim, da ampliação das possibilidades de leitura do mundo.

Desta forma, é possível identificar e vislumbrar que a literatura descortina uma gama de alternativas, juntamente com a História, para outra leitura do mundo, pelo mundo e no mundo. O trabalho com a literatura poética de resistência à colonização poderá proporcionar também o trabalho com outros documentos, por exemplo, os ditos oficiais. Assim, poderíamos descortinar os confrontos entre as visões de história díspares existentes na própria História.

Assim, finalizamos o que é apenas o início do caminho em direção a um vasto continente, com Jofre Rocha (1988) e a África no ensino de História e da História afro-brasileira.

ÁFRICA

*Carreiros húmidos dos pés suados
das lágrimas vertidas
dos orvalhos chorados no silêncio
das auroras
carreiros húmidos de África
savanas espalhadas por horizontes
abertos
de sequiosos cactos em súplica
de imbondeiros como sentinelas
eternas do Tempo
savanas angustiadas de África
batusques gritando ânsias mirradas
em flor nos sonhos abortados
batusques matando dores sempre
presentes,
batusques doidos de África.
África dos deuses banidos
Terra-mártir dos espaços devastados
Eu te reconheço
no suor impregnado em cada carreiro
no grito dos batusques doidos
nos cactos espinhosos de cada savana
És tu, África minha!*

Referências

- AMÂNCIO, I.M. da C. 2008a. Lei 10.639/03, cotidiano escolar e literaturas de matrizes africanas: da ação afirmativa ao ritual de passagem. In: I.M. da C. AMÂNCIO; N.L. GOMES; M.L. dos S. JORGE, *Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 31-46.
- AMÂNCIO, I.M. da C. 2008b. O universo literário africano de Língua Portuguesa como ferramenta para efetivação da Lei 10.639/03. In: I.M. da C. AMÂNCIO; N.L. GOMES; M.L. dos S. JORGE, *Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 47-105.
- BARBOSA, M.S. 2008. Eurocentrismo, história e história da África. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, 1:1-17.
- BITTENCOURT, C. (org.). 2006. *O saber histórico na sala de aula*. 11ª ed., São Paulo, Contexto, 175 p.
- BRASIL. 2003. Lei n. 10639, 09 de janeiro de 2003. Brasília, Ministério da Educação, 1 p.
- CÂNDIDO, A. 2004. *Vários escritos*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 272 p.
- FERREIRA, M. 1987. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo, Editora Ática, 151 p.
- FREIRE, P. 2005. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 212 p.

- FREIRE, P. 2009. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 50ª ed., São Paulo, Cortez, 87 p.
- GONZALEZ, K.K. 2010. Explorando a literatura infantil na escola. *Páginas Abertas*, 35(41):11-12.
- PESAVENTO, S.J. 2008. *História e História Cultural*. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, 130 p.
- REIS, L.M. 2006. Africanos no Brasil: saberes trazidos e ressignificações culturais. *Cadernos de História*, 8(10):11-23.
- ROCHA, J. 1988. *60 canções de amor e luta*. Poesia. Porto, Edições ASA, 82 p.
- SERRANO, C.; WALDMAN, M. 2007. Memória d'África: por que estudar o continente africano? & A percepção da África. In: C. SERRANO; M. WALDMAN, *Memória D'África: A temática africana em sala de aula*. São Paulo, Cortez, p. 21-37.

Submetido: 03/05/2012

Aceito: 22/04/2013